

## O TEMA DE GRANADA EM RUBÉN DARÍO

Isabel Rodrigues García \*

No inverno de 1904, Rubén Darío atravessa de trem a zona montanhosa da Alta Andaluzia. Entre abismos, montes e rocas, pontes e túneis da mais ousada engenharia, o poeta chega a Granada "por um instante, a visitar o velho paraíso mouro".<sup>1</sup>

Esta cidade lhe inspirará algumas das mais belas páginas da sua elegante prosa literária. Nela, o poeta sente um encanto emanado das visões de mil-e-uma-noites que contempla, como o fulgor do palácio de pedraria "fantástica de uma arte exótica, amorosa e sensual".<sup>2</sup> Assim, Rubén confessa ter tido um grande prazer em chegar a Granada no frio mês de fevereiro: o de estar só na Alhambra e nos jardins do Generalife. Alí, deixará seus sentidos em liberdade, para que captem toda a explosão poética expressa pelo feitiço de um passado histórico e lendário.

Razão teve o rei que chorou como uma mulher, diz Darío, ante a magnífica paisagem de Granada que se contempla da Alhambra. Certamente ele pensou na lenda do infortunado sultão Boabdil, quando, ao entregar as chaves daquela cidade aos Reis Católicos, foi severamente recriminado por sua mãe, a rainha Aixa, com estas palavras: "Choras como mulher, o que não soubeste defender como homem".<sup>3</sup>

Naquele suntuoso palácio, Rubén compreende que deve fazer-se romântico, para melhor penetrar no mundo fantástico das lendas orientais e esquecer-se por uns momentos da vida cotidiana.

\* Isabel Rodrigues García é Bacharel em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Em 1974, frequentou, no Instituto de Cultura Hispánica de Madrid, o Curso Iberoamericano para professores de Lengua y Literatura Española defendendo a «tesina» Antonio Buero Vallejo y el existencialismo. Atualmente, realiza, pesquisas em Madrid, como aluna da Universidad Complutense, para a tese La comedia histórica en el teatro de Lope de Vega como Literatura de Evasión.

1 DARÍO, Rubén. Granada. In. ———. *Obras completas*. Madrid, A. Aguado, 1950. v. 3, p. 902.

2 Ibid., p. 903.

3 IRVING, Washington. *Cuentos de la Alhambra*. Granada, M. Sánchez, 1974 p. 126.

Deste modo, o poeta evoca os antigos e lendários habitantes da Alhambra, e mais ainda as suas mulheres. A sultana Lindaraja lhe parecerá bela perto do seu mirante e talvez a imagine reclinada sobre almofadas, no chão ou num canapé. Um poema inscrito na sua janela faz alusões à paisagem: "E manda o corcel da sua mirada até essa paisagem onde brinca a brisa".<sup>4</sup> Evoca também os artistas, os novelescos guerreiros procedentes da África, que trouxeram consigo um pouco do seu céu maometano. "Ninguém tem vivido a poesia — afirma Darío — como esta misteriosa e pensativa raça de homens tristes de amor e de fatalidade"<sup>5</sup>

Rubén demonstra sua enorme admiração pelos elementos decorativos da arte muçulmana, combinados com o deleite envolvente e natural da luz. As cúpulas das grandes salas de Abencerrajes e Dos Hermanas iluminadas por um anel, causam um efeito dinâmico, fluatante, quando de portas fechadas. Ambas cúpulas se assemelham ao trabalho das abelhas sob cuja inspiração foram criadas. É que a riqueza ornamental deste palácio nazarita provém da própria Natureza, das linhas florais e das geometrias simétricas. As colunas são os talos das tamareiras ou dos lírios. Os arcos imitam ferraduras como a dupla fachada da porta "del Vino", a mesma que inspirou a Debussy (sem nunca tê-la conhecido), uma obra musical, da qual Manuel da Falla — o homem mais anti-árabe que existe — declarou: "O que o músico quis evocar na "Puerta del Vino" é a hora calma e luminosa da "siesta" de Granada".<sup>6</sup>

Para Rubén Darío, a Alhambra é antes de tudo um lar de poesia. A aplicação da caligrafia à decoração como simples ornato e o significado dos capítulos do Alcorão ou os versos reproduzidos, lhe estimulam a exaltação dos sentidos. Agora, o poeta se desprenderá da descrição objetiva, para dar passo à sua sensualidade. O encanto da água, por todas as partes, lhe sugere uma grande transparência, frescor e harmonia nas abluções impostas aos seguidores da religião de Alá. Estes homens eram "ardentes polígamos — escreve Darío — em cujo paraíso o primeiro prêmio é a limpa, perfumada, adolescente e sempre virgem beleza feminina".<sup>7</sup> Compreendiam muito bem aqueles príncipes epicuristas que a vida é breve e que se devem aproveitar todos seus feitiços. Vagando pela Alhambra, Rubén lembra a poesia de suas vidas, através das inscrições decorativas ali deixadas: os versículos do Alcorão, louvores ou qasidas (poemas arábigos). Na fonte do Patio de los Leones, existe uma bela gasida de Ibn Zamrak, que percorre as bordas da pia, formando um dodecágono de mármore que parece repousar sobre os lombos de seus doze leões. É fantástico

4 VILA-REAL, Ricardo. *La Alhambra y el Generalife*. Granada, M. Sánchez, 1974. p. 28.

5 DARÍO, p. 906.

6 VILA-REAL, p. 12.

7 DARÍO, p. 906.

observar como a água ascende e se derrama desde a taça à bôca dos leões, de onde se distribui por todo o pátio. Darío ainda cita inscrições religiosas muçulmanas, existentes na decoração de dois nichos da Sala de Comares e também o filosófico louvor do escudo dos Nasrís: "Só Deus é vencedor".

Para desfrutar da beleza dos magníficos recintos do palácio oriental, Rubén aconselha seguir a tradição e as lendas dos Zegrís e Abencerrajes, narradas por Ginés Pérez de Hita, ainda que digam que este as inventara. Darío, por seu lado, pretende nos convencer da veracidade da lenda em torno da sala de Abencerrajes onde, conforme a tradição, foram degolados os cavalheiros daquela ilustre linhagem, pois uma mancha cor ocre se destaca na famosa pia de mármore, existente no centro da sala. Como é difícil destruir na Alhambra a figuração vã e a ilusão dos sentidos!

No pátio de Lindaraja, Rubén pretende que se acredite na existência dessa bela figura: "imaginem-na muito rosada — diz — muito branca, muito ardente para o amor, e com uns olhos amendoados, de negros olhares, como corresponde a uma verdadeira sultana de conto".<sup>8</sup> Sua própria sensualidade o desvia à idealização da mulher e do mundo, pois acredita que alí, na Alhambra, havia Justiça, Saúde, Beleza e Prazer. E que aqueles homens, donos legítimos desse paraíso terrestre, eram sábios, bons, fortes e artistas. Considera com extrema simpatia o povo árabe e lamenta com pesar a expulsão destes mouros que passaram pela história e souberam deixar como lembrança e rasto de sua cultura, esse magnífico palácio de poesia, de água e de adelfas. O poeta Juan Ramón Jiménez, entre "cielos bajos y delirantes generalifes", cantou assim:

... Hablan las aguas y lloran  
bajo las adelfas blancas  
bajo las adelfas rosas,  
lloran las aguas y cantan...<sup>9</sup>

A Alhambra se contempla com o Generalife, um conjunto de jardins e edifícios brancos que nos tempos antigos servia de horta real e casa de recreio aos emires Al-Ahmahares. A Rubén, o Generalife não lhe parece tão suntuoso e imponente como a Alhambra, mas o considera ainda "mais cordial, mais íntimo, mais amável. Delicioso para o amor".<sup>10</sup> Pensa o poeta que a Marquesa de Campotejar — última proprietária particular até 1921 — deve ter sido invejada por todos os reis do mundo, por ter tido como cenário do seu amor essa maravilha de indefinível encanto; essa "horta" que inspiraria a Manuel

8 DARIO, p. 910.

9 JIMENEZ, Juan Ramón. Generalife. In: ———. *Páginas Escogidas*. Madrid, Gredos, 1968. p. 191.

10 DARIO, p. 910.

de Falla o noturno "En el Generalife", de seu poema sinfônico "Noches en los jardines de España". Esta obra musical soube captar melhor que a poesia ou a pintura, o deleite do silêncio, o caráter sensorial dos perfumes e os rumores da água.

Rubén faz suas as palavras de exaltação ao Generalife, escritas em cartas pelo velho Dumas: "o que ali é belo, maravilhoso, são seus jardins, suas águas, sua vista. Permaneçam, pois no meio desses jardins... tantas laranjeiras, tantos jasmims, tantas rosas... tantas fontes, despenhar-se tantas cascatas, rodar tantas torrentes... E o que mais lhes seduzirá, é esse sabor de Arábia que ficou flutuando no ar".<sup>11</sup> Sabor que tanto agradou a Darío desde o início de sua visita ao Generalife, quando penetrou pelo Paseo de los Cipreses, um caminho sombrio, cercado por essas elevadas árvores. O poeta visita também o cipreste, debaixo do qual se sentava a sultana Zoraida — situado no chamado Patio de los Cipreses ou de la Sultana. Também visita a árvore genealógica, as salas das velhas telas, as galerias silenciosas "onde dá vontade de suspirar e de beijar".<sup>12</sup>

Darío é um apaixonado do secular coração de Granada, onde o feitiço de um passado histórico ainda se mantém vivo, graças a esse mundo exótico de mistérios, cuja origem está nas lendas orientais que afagam a imaginação e os sentidos.

Rubén sente partir de Granada, abandonar aquele velho sonho que, aos poucos, foi descobrindo ao penetrar na alma da Granada entreaberta... E o sol brilhou, e a encantadora cidade se lhe mostrou luminosa com seus raios solares e jogos de luz, desde o palácio de pedraria, de onde se divisa uma linda paisagem de Granada. E ao lado oriental dela, Sierra Nevada, com suas constantes neves, se estende entre a cidade e o mar. Também a antiga capital — bairro atual do Albaicín — encerra as velhas vilas orientais de arquitetura mourisca: em frente, a jovem cidade, seguindo o mesmo padrão universal: à esquerda, a encantadora planície coberta de verdes plantios, e mais perto da Alhambra está o riá, isto, é, o carmem granadino, uma espécie de quinta residencial que pode estar ou não dentro do plano urbano da cidade. Muitos cármenes costumam ter a entrada a um nível superior ao do pátio, e o jardim em terraços que descendem por ladeiras. "É este — escreve Darío — um dos países que se criaria para uma primavera sem fim, um jardim de ilusões. Um "carmem". Carmem, verso..."<sup>13</sup> Conforme o poeta, todos os jovens enamorados e felizes do mundo, devem vir a amar em um carmem granadino — se possível num entardecer primaveril, pois...

I con qué trabajo tan grande  
deja la luz a Granada,

11 DARÍO. p. 911.

12 Ibid., p. 911.

13 Ibid., p. 905.

Se enreda entre los cipreses  
o se esconde bajo el agua.<sup>14</sup>

A este mundo de poesia Darío preferiu chegar no frio mês de fevereiro e evitar a epidemia turística, como os rebanhos da agência Cook, que vêm ver em Granada, os mosaicos e azulejos, a Alhambra anedótica, as cestinhas de vime, as candeias de cobre e os ciganos de Sacromonte. Estes, apresentam aos turistas lamentáveis e comerciais espetáculos em suas "cuevas"; não são mais aqueles bailes espontâneos das "gitanillas" que Darío, em outras ocasiões, presenciara e que tanto lhe haviam comprazido. O velho modelo de Fortuny, vestido de contrabandista da era romântica, mais parece um personagem da ópera cómica. Este pobre rei "falot", vive das gorjetas anglo-saxônicas à porta da Alhambra.

Darío finaliza sua crônica, voltando a estabelecer o mesmo paralelo inicial do relato entre a Granada antiga e a moderna, a atual, a que faz política e se preocupa com os últimos acontecimentos internacionais. O poeta desejaria permanecer em Granada, "se o espírito não tendesse (a ir) adiante, sempre mais adiante, se possível para fora do mundo..."<sup>15</sup>

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- DARÍO, Rubén. *Obras completas*. Madrid, A. Aguado, 1950. v. 3.  
GARCIA GOMEZ, E. & BERMÚDEZ PAREJA, J. *La Alhambra; la casa real*. Granada, A. Sadea, 1967.  
IRVING, Washington. *Cuentos de la Alhambra*. Granada, M. Sánchez, 1973. 350 p.  
JIMENEZ, Juan Ramón. *Pájaros escogidos*. Madrid, Gredos, 1968. 261 p.  
QUINTIAN, Andrés R. *Cultura y literatura española en Rubén Darío*. Madrid, Gredos, 1974. 299 p.  
VILLA-REAL, Ricardo. *La Alhambra y el Generalife*. Granada, M. Sánchez, 1974. 48 p.

Resumo

O feitiço de Andaluzia foi descoberto primeiro pelos românticos e depois por Rúben Darío e outros escritores modernistas. Isto se deve justamente à busca do exótico e do sentido de evasão, pois o poeta modernista é ante tudo um romântico, que irá criar obras anti-realistas, de fuga à realidade, como Darío, que buscou o exótico para sonhar. Uma de suas principais fontes literárias foram "As mil e uma noites", onde está todo esse encanto oriental a que aspirava o poeta: o mundo da imaginação e do sonho.

Granada, "o velho paraíso moro", lhe causou uma sensação de mistério, de eterno, de transcendente. A evocação histórica e a nostalgia do passado lhe motivaram um gozo harmonioso que se fez transparente através da água, da lenda e da sua própria fantasia.

14 GARCIA LORCA, Federico. Apud VILLA-REAL, p. 2.

15 DARÍO, p. 912.

### Resumen

El hechizo de Andalucía fue descubierto primero por los románticos y después por Rubén Darío y otros escritores modernistas. Esto se debe justamente a la búsqueda de lo exótico y del sentido de evasión, pues el poeta modernista es ante todo un romántico, que irá crear obras antirrealistas, de fuga a la realidad, como Darío, que ha buscado lo exótico para soñar. Una de sus principales fuentes literarias han sido "Las mil y una noches", donde está todo ese encanto oriental a que aspiraba el poeta: el mundo de la imaginación y del sueño.

Granada, "el viejo paraíso moro", le ha causado una sensación de misterio, de eterno, de trascendente. La evocación histórica del pasado y la nostalgia del recuerdo, le han motivado un gozo armonioso que se hace transparente através del agua de la leyenda y de sua propia fantasía.

### Resumé

Le charme de l'Andalousie fut découvert en premier par les romantiques et ensuite par Rubén Darío et les modernistes. La recherche de l'exotisme et le sentiment d'évasion en furent les causes. Le poète moderne est donc avant tout un romantique qui crée des oeuvres antiréalistes, de fuite de la réalité, comme Darío qui est allé à l'encontre de l'exotisme pour rêver. L'une de ses principales sources littéraires fut "Les milles et une nuits", où l'on retrouve l'enchantement oriental auquel aspirait le poète: le monde de l'imagination et du rêve.

Grenade, "le vieux paradis mauresque", lui a donné une sensation de mystère, d'éternité, de transcendance. L'évocation historique du passé et la nostalgie du souvenir, lui ont fait sentir une jouissance harmonieuse qui devient transparente au contact de l'eau, de la légende et de sa propre fantaisie.